
A geografia de um livro nos caminhos de seu autor

Uma análise a partir de *Geography and Vision*, de Denis Cosgrove

The geography of a book on the pathways of its author: an analysis from Geography and Vision, by Denis Cosgrove

La geografía del libro en los caminos de su autor: un análisis desde Geography and Vision, Denis Cosgrove

La géographie d'un livre par les chemins de son auteur: une analyse de la Geography and Vision, Denis Cosgrove

Rafael Augusto Andrade Gomes



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2181>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.2181

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Refêrencia eletrónica

Rafael Augusto Andrade Gomes, « A geografia de um livro nos caminhos de seu autor », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 8 | 2017, posto online no dia 27 junho 2017, consultado o 02 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2181> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.2181

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 Maio 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

A geografia de um livro nos caminhos de seu autor

Uma análise a partir de *Geography and Vision*, de Denis Cosgrove

The geography of a book on the pathways of its author: an analysis from Geography and Vision, by Denis Cosgrove

La geografía del libro en los caminos de su autor: un análisis desde Geography and Vision, Denis Cosgrove

La géographie d'un livre par les chemins de son auteur: une analyse de la Geography and Vision, Denis Cosgrove

Rafael Augusto Andrade Gomes

NOTA DO AUTOR

Agradeço à Professora Leticia Parente Ribeiro, do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pelas frequentes conversas e orientações e, do outro lado do Atlântico, à Professora Veronica della Dora, do Departamento de Geografia na *Royal Holloway - University of London*, pelo envio de materiais e informações de difícil acesso no Brasil.

Introdução

- 1 Este artigo tem como objetivo discutir a relação entre a trajetória de Denis Cosgrove e a produção de uma obra específica, o seu *Geography and Vision* (2008), de modo a apresentar uma alternativa à tendência dominante da abordagem geográfica na análise de livros. Como motivação para desenvolver tal intento, destacam-se dois elementos, sendo um de caráter eminentemente metodológico e o outro surgido da apreciação da obra supracitada.

- 2 Sobre o primeiro elemento, tem-se aquilo que é chamado de “geografia do livro”, um encaminhamento de pesquisa bem sintetizado em três aspectos por Ogborn & Withers (2010) na apresentação de seu *Geographies of the Book*: constitui a investigação dos locais materiais e das condições em que as obras foram produzidas, dos padrões e modalidades de circulação dos livros e, por fim, da dimensão espacial que qualifica as práticas situadas de leitura e consumos dos livros. Obviamente, ao mesmo tempo em que tais aspectos se constituem como linhas de pesquisa sobre a dimensão espacial do texto, estas não se excluem e podem apresentar intercruzamentos na investigação de um fenômeno. Neste artigo procuraremos explorar um outro aspecto: as maneiras com que o estudo da trajetória autoral pode constituir uma dessas vias de pesquisa da produção do livro, ainda que não se limite a isso.
- 3 Apresentada a breve explanação do primeiro fator que motivou o presente texto, partiremos para a explicação do segundo motivo, que também se configura como uma justificativa para o material documental da pesquisa. O livro *Geography and Vision* (Cosgrove, 2008) não é uma narrativa teórica inteiriça, por mais que os capítulos iniciais tenham o objetivo de torná-lo um empreendimento coeso. Ele é um livro com seis partes e dozes capítulos, muitos deles apresentados em distintas ocasiões, em outros formatos e para públicos diversos.
- 4 Ademais, tendo em vista a origem múltipla dos ensaios, a biografia se insinua entre o ordenamento do texto e a história da geografia. Sabendo da origem localizada das experiências que resultam na confecção de um texto pelo autor, a organização destes textos na ideia central do livro pode oferecer elementos para a compreensão do desenvolvimento do pensamento geográfico deste autor. Em outras palavras, como a escrita da história do pensamento geográfico se expressa em muitos gêneros [obituários, histórias conceituais, histórias contextuais e biobibliografias], questionamo-nos sobre a maneira como a organização de um livro a partir de textos surgidos em outros momentos e lugares também é uma forma de contar a história da geografia.
- 5 Quais serão os elementos da análise? Essa é a questão que pode aparecer primariamente ao leitor e, por isso, trataremos de respondê-la de antemão. Aventada a necessidade de desenvolver procedimentos metodológicos para ampliar os caminhos de investigação da produção dos livros, a pesquisa será pautada segundo análise de elementos textuais e paratextuais. A questão que nos move é de que maneira a organização e conteúdo de tais elementos, em articulação com aspectos biográficos, contribuem para dar ordem à narrativa do livro.

Situando a geografia do livro

- 6 A geografia do livro é devedora dos pressupostos instaurados na historiografia do pensamento geográfico a partir da década de 1990. Uma reorientação nas pesquisas em história da geografia, ao menos no cenário investigativo anglo-americano (Powell, 2007), pode ser sintetizada por um interesse sistemático no papel das condições sociais e materiais na construção do conhecimento.
- 7 Na obra *Geographical Tradition* (Livingstone, 1992), em um momento de efervescência teórico-metodológica da história da geografia ressaltada pelas publicações dos geógrafos David Stoddart (1986) e Vincent Berdoulay (1981), o princípio de interação entre texto e contexto expressa claramente a preocupação de localizar a geografia nas circunstâncias

sociais e intelectuais mais amplas. Nesse instante, no entanto, a abordagem da historiografia da geografia voltada à investigação da racionalidade situada e da natureza negociada do pensamento e prática geográficos (Livingstone, 1992) ainda não possuía uma denominação amplamente reconhecida¹. Esta abordagem da história da geografia ganharia denominações múltiplas de meados dos anos de 1990 em diante [geografia histórica da ciência, geografia da ciência, geografias interdisciplinares da ciência]. Todavia, apesar de sua variedade, as noções de lugar, espaço, espacialidade e situação constituem o elemento fundamental para o exame da produção, circulação e consumo do conhecimento científico.

- 8 Em diferentes livros e artigos, Livingstone (1995; 2003; 2005) sugere encaminhamentos possíveis para o aprofundamento do que denomina “geografia da ciência”. Esta denominação é constituída a partir de uma crítica à historiografia da ciência no que tange à negligência aos aspectos espaciais das elaborações científicas. Diante da referida negligência, o autor elabora abordagens que corroboram a importância das considerações ao espaço e à espacialidade na análise do pensamento científico. Com base em uma pequena descrição desse percurso da crítica a uma historiografia a-espacializada até a “geografia da ciência”, serão destacados os elementos de tal proposição nos quais livro, espaço e biografia se apoiam.
- 9 As questões mais gerais feitas por Livingstone (2003) são fundamentais para iniciar esta descrição: A localização do esforço científico poderia fazer a diferença para os caminhos da ciência? E, de forma mais profunda, poderia a localização modificar o conteúdo da ciência? Para Livingstone (2003), a resposta é positiva para ambas as perguntas e o esforço do autor consiste em clarificar os pressupostos de uma geografia da ciência, um esforço de sistematização.
- 10 A geografia da ciência é estruturada, de forma geral, com o objetivo de analisar o significado dos locais onde o conhecimento é construído, os lugares onde o conhecimento é produzido. Segundo Livingstone (2003), mesmo os geógrafos – teoricamente atentos e treinados profissionalmente aos aspectos do lugar e da localização – que se detiveram à análise da história do pensamento científico não incorporam à ciência seu significado espacial. As narrativas científicas são apropriadas de maneiras diferentes em locais distintos, conforme sua mobilização para fins específicos – intelectuais e culturais. Além disso, as teorias científicas não se difundem uniformemente entre os lugares, isto é, a medida de seu deslocamento também é a de sua transformação (Livingstone, 1995).
- 11 Adicionalmente, o autor destaca o trânsito dos seres humanos não somente em espaços materiais, mas em uma variedade de espaços abstratos, arenas sociais e culturais, com um repertório de significados que possibilita a comunicação em um espaço material. Os lugares contêm sinais e símbolos da comunicação, na medida em que servem como substrato, mas também vinculam espacialmente o conteúdo, uma vez que a espacialidade implica na ordenação da comunicação. Lugares distintos possibilitam, então, formas de relação diversas, por mais que as pessoas sejam as mesmas. O espaço pode ser compreendido como um princípio organizador da produção e circulação do conhecimento científico e os parâmetros para a análise decorrente de tal princípio podem ser os lugares de produção e espaços científicos, a circulação e a transformação do conhecimento que daí decorre, além das regiões científicas (Livingstone, 2003).
- 12 O conhecimento científico é sempre posicionado, ele é fenômeno geográfico na medida em que é adquirido em locais específicos e se transforma, além de transformar o mundo, nos processos de circulação (Livingstone, 2003). Um aspecto essencial da circulação é a

geografia da leitura (Id, 1995), traço representativo das relações entre localização e discurso. As geografias da leitura constituem uma denominação às formas como determinados textos são apropriados em diferentes contextos, sendo que os significados variariam, então, conforme as mutações de significados empreendidas pelos leitores nos diversos locais. O significado científico não é estável e sua instabilidade reside exatamente na variabilidade espacial de interpretações de um texto ou fenômeno.

- 13 Livingstone (2005), ao discorrer sobre as geografias da escrita e da leitura, faz uma contraposição à biografia como sequência linear cronológica. A biografia linear, diferentemente da espacialidade da recepção de um autor, refletiria uma forma de compreensão do espaço e da geografia como um pano de fundo estéril, um contexto amorfo de um período histórico com conteúdo discursivo prévio. Atribuir centralidade à biografia de um geógrafo não significa limitar os espaços da investigação – principalmente tendo em vista que, com base nas tecnologias de transporte e comunicação, torna-se cada vez mais improvável que os espaços e deslocamentos da vida de um autor sejam limitados. Não é no puro sequenciamento cronológico que se constrói a narrativa, mas nos múltiplos nexos que dão tom aos “espaços de uma vida” (Livingstone, 2003) o sujeito representa e está referenciado segundo condições contextuais de época e lugar.
- 14 Uma geografia da ciência, ou geografia histórica da ciência (Livingstone, 1995), sublinha a necessidade da análise das marcas da localização no empreendimento científico. Portanto, ideias, instituições, teorias e práticas têm uma dimensão espacial, assim como qualquer outro empreendimento humano. A variedade da ciência reside, na análise de um autor, na compreensão da relação da trajetória biográfica com os lugares, momentos e circunstâncias que marcam o fazer ciência. Pelo menos em parte, é sob a influência dos pressupostos descritos nesta seção que se estrutura a geografia do livro.

Geografia do livro: renovações e perspectivas?

- 15 O conhecido periódico britânico *Progress in Human Geography*, publicado desde 1977, possui tradicionalmente uma seção dedicada a publicações de *Progress Reports*. Essa seção de “relatórios de progresso” é constituída por artigos que têm como objetivo elaborar uma apresentação panorâmica e oferecer uma imagem coerente de mudanças teóricas, conceituais e metodológicas de diversas temáticas da pesquisa geográfica. O relatório de progresso de James Ryan (2003) é particularmente pertinente ao desenvolvimento da geografia do livro no início do século XXI. Na abertura de seu relatório de progresso intitulado *History and philosophy of geography: bringing geography to book, 2000-2001*, Ryan (2003) desenvolve uma apresentação da geografia do livro baseada no livro de James Secord (2000), que é professor de História e Filosofia da Ciência da Universidade de Cambridge.
- 16 O próprio autor do relatório antecipa o choque do leitor que, em busca de um relatório de progresso da investigação geográfica, encontra uma abertura composta por um proeminente historiador da ciência. De acordo com a perspectiva de Ryan (2003), o livro de Secord (2000) é uma referência essencial para os historiadores da geografia, pois o autor mapeava a geografia do texto traçando seus caminhos – que vão da publicação e circulação ao consumo por uma série de atores que ocupavam diferentes lugares físicos e culturais. Para Ryan (2003), fica claro que o caminho percorrido pelos geógrafos na história das ciências, levando em consideração o momento esmiuçado no relatório, era a

análise do papel do lugar e do espaço nas formas de consumo e produção do conhecimento. Por mais que a história da geografia seja afetada pela hipótese de que a ciência é constituída espacialmente, a geografia histórica da ciência não é tarefa a ser assumida somente por geógrafos.

- 17 A reflexão recente acerca da geografia do livro (Mayhew, 2007^a, 2007b; Ogborn & Withers, 2010; Keighren, 2010; Keighren, 2013) enfatiza a textualidade na história do pensamento geográfico, sobretudo, a partir da materialidade dos livros. Tal aspecto parece indicar a proeminência de uma dupla filiação epistemológica: a tradição dos estudos do livro na história literária ou científica e a geografia da ciência que foi descrita na primeira parte do artigo. A realidade material da impressão, ainda que seja um tema frutífero para traçar conexões entre espaço e textualidade em períodos históricos específicos, pouco tem a agregar num contexto de disseminação eletrônica da informação.
- 18 Tanto nas tentativas de traçar o desenvolvimento da geografia do livro como da história do livro, menções ao capítulo *Geography of Book*, de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin (1976), em um livro dedicado ao impacto da impressão na Europa desde sua inserção em Mainz no século XV, são recorrentes e descrevem a investigação dos autores. Em tal capítulo, eles se dedicam a investigar pessoas e instituições influentes com interesse na divulgação de textos e nos fatores econômicos de atração das prensas móveis. A distribuição das prensas e sua dependência de aspectos econômicos, políticos, culturais e intelectuais ofereceriam elementos fundamentais para a análise de processos históricos. No entanto, segundo Ogborn e Withers (2010), a história da difusão de tecnologias fixas elaborada por Febvre e Martin (1976) possui limitações fundamentais, e uma delas é a dificuldade de explicar como a geografia é fundamental para a constituição do livro em si. De quais maneiras, então, o espaço e o lugar implicam na produção, distribuição e consumo dos livros?
- 19 As respostas à questão supracitada são múltiplas e Ogborn e Withers (2010) apresentam uma síntese esquemática já mencionada: i) exploração dos locais em que os materiais foram produzidos, além do impacto destes locais na natureza material e simbólica dos livros; ii) os padrões de circulação; iii) o posicionamento geográfico dos leitores, cujo caráter espacial contribui para definir formas de leitura. Este artigo se posiciona no contexto específico da produção de um livro. Isso não quer dizer que a produção se limite a um ponto, pois, como aponta Secord (2004) em seu texto sobre o conhecimento em trânsito, o recurso à trajetória intelectual do autor significa que a situação local se constituiu em conexão com outros lugares ao longo do tempo. Tal constatação reforça nosso objetivo de investigar como um texto-compilação, produzido no final da vida, se configura como uma forma particular de organizar a trajetória.
- 20 Para Howsam (2008), autor que faz uma análise da historiografia do livro desde o clássico texto de Darnton (1982) sobre o circuito de comunicações até os livros do bibliógrafo histórico Donald Mckenzie (1931-1999) e do historiador Roger Chartier (1945-), o desenvolvimento da abordagem historiográfica do livro associa-se a dois pressupostos interligados: a estabilidade material do objeto cultural [o livro] e a plasticidade cultural das unidades de leitura [redes nacionais, transnacionais, urbanas e disciplinares]. Como tais artefatos culturais adquirem forma e significado em diferentes contextos espaço-temporais? Segundo Rubin (2003), a exemplo de Howsam (2008), esta é a questão unificadora da historiografia do livro.
- 21 Para Darnton (1982), a história do livro tem como objetivo compreender os processos pelos quais as ideias transmitidas pela impressão afetaram o comportamento da

humanidade. No estudo dessa imbricação entre cultura impressa e condições sociais, econômicas, políticas e intelectuais da época, Darnton (1982) elabora um esquema conceitual do circuito de comunicação. O circuito comunicativo de Darnton (1982) é composto por: autores e condições de autoria; editores e a elaboração de seus contratos de edição, negociação com autoridades, publicidade e organização das finanças e suprimentos para publicação; impressão e outros processos produtivos do material impresso; livreiros, ou seja, os agentes e mecanismos de mediação entre oferta e procura dos livros; leitores e efeitos sociais da experiência da leitura. Nesse circuito comunicativo, as questões sobre quem lê e o que é lido (e em quais condições) abrem conexões com a geografia do livro dos últimos anos.

- 22 Na revisão do trabalho de 1982, Darnton (2007) enfatiza que não desejou oferecer, com a organização do circuito comunicativo, um modelo fechado para a análise historiográfica dos livros. Tendo em conta os livros eletrônicos e mecanismos digitais associados e as novas formas de leitura e controle sobre a navegação pelo *layout* do livro (Keighren, 2013), novas questões de circulação das ideias são colocadas; surpreender-nos-ia, portanto, se a estratégia de Roberto Darnton (1982) fosse a cristalização de um modelo de análise. O autor apenas desejava enfatizar três questões unificadoras: como os livros surgem?; como os livros chegam aos leitores?; o que os leitores fazem a partir dos livros?
- 23 Darnton (2007) sintetiza um conjunto de abordagens que informam os seus próprios trabalhos e que surgiram das críticas a seu ensaio de 1982: a dimensão da sobrevivência do texto incorporada ao circuito comunicativo, de modo a agregar as mudanças do contexto de leitura; a paratextualidade como uma abordagem concreta de partes do texto que também constituem a percepção da obra pelo leitor; a intertextualidade, ou o modo como a obra se posiciona diante de um discurso coletivo; a sociologia do texto como um modo que liga o meio de transmissão (aspecto que Mayhew (2007a) chamou de organização espacial da página) à leitura e interpretação da mensagem impressa.
- 24 Tanto os historiadores da ciência quanto os da geografia têm contribuído, desde o final do século passado, para a sofisticação do quadro analítico da recepção e comunicação textual da história do livro. O trabalho de Rupke (2005) discute a variabilidade da recepção e leitura crítica da obra de Alexander von Humboldt em unidades nacionais e o de Keighren (2010), por sua vez, tendendo a reconhecer a complexidade da prática da leitura, discute a natureza escalar da recepção de textos: pode revelar padrões entre países, dentro de cidades, entre cidades, em redes disciplinares, entre outras formas de organização da leitura. A geografia do livro, nesse sentido, constitui-se como abordagem interessada em explicar a produção e disseminação material e epistêmica do conhecimento. Não se trata somente de identificar o “onde” e o “quando”, mas de analisar os elementos que constituem os processos de produção, circulação e recepção.
- 25 A geografia e a história do livro (Ogborn & Withers, 2010; Keighren, 2013; Rubin, 2003; Darnton, 2007; Howsam, 2008) são interesses de pesquisa que se beneficiam do diálogo entre si. Com vistas a contribuir para a história do pensamento geográfico, as abordagens empíricas e metodológicas de historiadores e sociólogos da ciência são também fundamentais para a compreensão do “conhecimento em trânsito”, para novamente utilizar os termos de Secord (2004).

Geography and vision: entre espaços de vida e espaços de escrita

- 26 Na perspectiva tradicional, a biografia é uma história narrada a partir de um sequenciamento cronológico. Contendo introdução, desenvolvimento e fim, a trajetória evidenciaria o sentido da vida no tempo, mas não ofereceria claramente um panorama dos significados dos lugares e espaços de conhecimento que dão cor a esta vida narrada. Nesse tipo de abordagem, o papel do biógrafo é criar o significado fundamental de uma vida tendo como base um material empírico supostamente inquestionável. Tal posição é problemática, pois, ao escrever a biografia como reflexo de uma experiência vivida, esquece-se de dois pressupostos fundamentais dessa tarefa: as fontes documentais utilizadas e sua limitação e as escolhas feitas pelo biógrafo na construção da narrativa histórica.
- 27 No entanto, concebida no sentido estabelecido pela geografia da ciência, a biografia não pode ser reduzida ao enquadramento cronológico, e as espacialidades de uma vida também devem se constituir no cerne da investigação de uma trajetória. Se o conhecimento é posicionado e, portanto, adquirido em locais específicos e transformado a partir do processo de circulação, uma trajetória intelectual é resultado da passagem de um autor por lugares, em momentos e circunstâncias diversas, que deixam marcas em cada produto do seu pensamento. Os produtos do pensamento podem ser múltiplos, sendo que o livro, privilegiado nesta análise, é um deles. Como qualquer outra forma de organizar a trajetória, a narrativa do livro também contém um recorte específico de aspectos biográficos considerados.
- 28 A primeira peculiaridade de *Geography and Vision* (Cosgrove, 2008), concebido como produto de um pensamento, é que o livro investigado neste artigo representa um ponto de vista bastante peculiar para contar uma história, pois o autor se encontrava na iminência da finitude de sua trajetória de vida. Nesse sentido, os elementos paratextuais das seções são fundamentais, porque correspondem basicamente aos recursos utilizados para dar ordem ao livro nesse momento da trajetória. Os artigos selecionados e os paratextos utilizados para organizá-los no livro constituem um *lugar* para olhar a própria trajetória.
- 29 Nos momentos originais em que as mesmas publicações vieram ao público [em palestras, conferências e artigos], outros leitores tiveram acesso aos demais elementos paratextuais contidos em cada ensaio do livro – notas de rodapé, títulos de seção e mesmo as imagens. Como outros leitores puderam acessar cada texto separadamente, a escolha de analisar somente o elemento paratextual da “seção” é justificada por nossa intenção de investigar o modo como um livro pode ser uma forma de contar a própria biografia. O que nos interessa não é cada texto em si, mas sim o modo de concatenar tais textos na estrutura narrativa de um livro. Sendo o livro organizado em um momento específico da trajetória do autor, aquele próximo de sua morte, ao invés de considerarmos os elementos paratextuais de outros momentos, trabalhamos com aquele contexto que é fundamental para o projeto do livro. Por esse motivo, os demais paratextos, como quarta capa, notas de rodapé e informações editoriais, não serão investigados na presente oportunidade.
- 30 Cada ensaio que constitui o *Geography and Vision*, individualmente, não é essencial para a compreensão de como o trajeto de um livro corresponde a uma visada possível da

trajetória de vida de seu autor. Afinal, se os espaços da vida do autor podem fazê-lo assumir diferentes formas e o objetivo não é relatar “a vida de Cosgrove”, mas apenas uma forma de contá-la, somente um projeto consciente de organização de um compêndio como *Geography and Vision* pode se prestar à análise da trajetória intelectual. Através de nossas análises, buscaremos demonstrar que um comprometimento geográfico com o livro, principalmente a partir da figura dos lugares e espaços de vida de seu autor, contribui para forjar uma versão da história de vida. A depender das fontes documentais analisadas e dos fragmentos de vida e memória aos quais elas correspondem, novas versões da história podem ser contadas. Há uma tensão, na escrita biográfica, entre a fonte documental e a espacialidade das histórias de vida.

- 31 Os paratextos, tradicionalmente considerados na sociologia dos textos e história do livro (Mayhew, 2007a; Darnton, 2007), são os elementos essenciais para a criação do significado da obra como um todo, mas não constituem a narrativa textual do desenvolvimento do livro. Títulos de seção e parte, notas de rodapé, informações editoriais, ilustrações, prefácio, quarta capa e o próprio título do livro são exemplos de elementos paratextuais. Em geral, os componentes paratextuais fazem a mediação entre o propósito geral da obra e o leitor, oferecem orientações implícitas ou explícitas sobre o modo como o livro deve ser lido e, por vezes, antecipam leituras críticas. Deve-se frisar que as imagens, apesar de fazerem parte do conjunto mais amplo de componentes paratextuais do livro em foco, não serão analisadas neste artigo. Devido à centralidade das imagens no pensamento de Denis Cosgrove e a existência de um sistema iconográfico do livro, optou-se por não analisá-las de forma rasteira, visto que este tema mereceria uma abordagem cuidadosa. Como sistema iconográfico, compreendemos que há um conjunto de imagens que estão ligadas entre si por um propósito estruturante.
- 32 [Párrafo] Finalmente, temos a última observação na análise do conteúdo textual do livro: o desenvolvimento da narrativa nos capítulos. Considerando que a estrutura do livro não é uma descrição inteiriça, e os textos que o compõe também não são organizados cronologicamente, depreende-se que haja um modo não-linear de ordenar a trajetória espaço-temporal do próprio pensamento. De modo a atender ao interesse particular deste artigo, as condições contextuais remetem a aspectos da biografia do autor: formação acadêmica, mudanças institucionais, enfim, lugares e momentos em que a troca de informações reverbera na ruptura com um padrão estabelecido de pensamento.

Entre texto e paratexto: aproximações biobibliográficas

- 33 Em maio de 2008, praticamente dois meses após a morte de seu autor, o geógrafo britânico Denis Cosgrove, *Geography and Vision: Seeing, Imagining and Representing the World* foi publicado em Londres – no âmbito de um evento em memória ao próprio Denis Cosgrove na *Royal Geographical Society*. Esta obra é composta por seis partes, a saber: 1) *Geographic and cosmological vision*; 2) *Landscape visions: Europe*; 3) *Landscape visions: America*; 4) *John Ruskin: vision, landscape and mapping*; 5) *Cartographic visions*; 6) *Metageographic visions*. Cada parte congrega dois ensaios, sendo apenas o último deles escrito para o livro, e fundamenta o caráter essencial deste paratexto: ordenar o significado central do conteúdo textual do livro; ou seja, como afirmou Felix Driver (2008), o livro nos apresenta conexões entre as diferentes fases do pensamento e trabalho de seu autor.

- 34 Segundo Jean-François Staszak (2009), o subtítulo do livro [ver, imaginar e representar] descreve a essência da abordagem analítica de Denis Cosgrove. *Ver* faz referência aos sentidos da percepção, que é um processo ativo inserido em um contexto cultural e social. *Imaginar*, por seu turno, significa que ver é também um ato criativo, uma elaboração a partir das imagens que a história da humanidade e da cultura fizeram disponíveis. Finalmente, o *representar* completa o circuito da comunicação, pois distingue o ato de materializar, representar e disponibilizar para o imaginário coletivo imagens criadas por um indivíduo psicológico. A visão seria a conjunção desses três processos e a análise de imagens – incluindo paisagens e mapas – pelo geógrafo teria como objetivo descobrir a lógica e o sentido de tais imagens em uma sociedade.
- 35 [Párrafo] Apesar de a introdução não se configurar comumente como elemento paratextual, neste caso, a parte intitulada *Introduction: Landscape, map and vision* foi criada para dar ordem ao conjunto de textos reunidos no livro. Pressupõe-se, portanto, que o caráter ordenador de seu conteúdo seja fundamental para a narrativa total da obra. Sua função no *Geography and Vision* não é apenas de apresentação geral dos propósitos do livro, mas de antecipação das críticas [elemento tradicional da sociologia dos textos e da história do livro] e descrição de cada parte segundo o propósito geral da obra. De acordo com Cosgrove (2008), a coleção de ensaios expõe livremente as associações conceituais complexas entre paisagem e mapa; para isso, o autor desenvolve conexões da geografia com a imagem pictórica e a visão. A associação do conhecimento geográfico à visão unifica os textos, afirma o próprio autor.
- 36 O objetivo do livro, ainda segundo o autor, é interrogar e analisar, por meio das imagens gráficas do período moderno e da tradição ocidental, algumas formas como a Terra ou partes dela foram conhecidas, imaginadas e representadas como *ecúmeno*. Parece-nos que a organização do livro segue uma organização temática do cosmográfico ao corográfico [de imagens do planeta nas expedições espaciais do século XX às imagens do período das descobertas iniciado no século XV], da paisagem e do mapeamento às relações entre mapas e paisagens na comunicação e interpretação de realidades geográficas e às formas de transmitir tais geografias imaginativas. Não caberia à geografia simplesmente transcrever os fatos e formas espaciais, pois há um modo de cognição geográfica que desempenha um papel na organização da visão e da representação material pela imaginação. A visão não seria um ato passivo, mas configuraria uma forma de construir representações imaginativas.
- 37 No mesmo texto introdutório, Cosgrove (2008) aponta duas abordagens críticas na associação do pictórico e da visão à geografia: i) oriundas da teoria social recente; ii) associadas à chamada “teoria não-representacional”. O primeiro grupo, talvez personificado em David Harvey (1935-), distingue a imagem do texto e desvia o foco da imagem para as condições de sua produção, circulação e recepção; como resultado, o texto se sobrepõe à imagem e esta, por sua vez, serve apenas como ilustração à teoria na comunicação do conhecimento geográfico.
- 38 Em segundo lugar, levando em consideração que Cosgrove iniciou a organização do *Geography and Vision* numa licença médica que tirou em 2006, a ciência geográfica recebia desde meados dos anos de 1990 artigos de Nigel Thrift (1949-), que foram organizados e publicados em um livro único (Thrift, 2008), sobre a teoria não-representacional. Como nos informa o aspecto tradicional da sociologia científica do livro, Cosgrove (2008) descreve críticas esperadas ao livro, a saber: os laços cognitivos e afetivos não se dão exclusivamente no âmbito da visão e, assim, o conhecimento seria performativo; a visão é

uma forma dominante de reflexão científica sobre as relações humanas com o mundo material; o olhar e os modos de ver seriam construções surgidas juntamente com a perspectiva geométrica no século XV e, por isso, colonialistas, falocêntricas e dominadoras. Cosgrove (2008), ainda que ciente da existência dessas críticas, não se propõe a discuti-las, apenas se dedica à tarefa de oferecer exemplos de como as imagens e a imaginação são centrais no modo de compreensão da informação geográfica.

- 39 Os ensaios da primeira parte, intitulados *Geography and Vision* (1) e *Extra-terrestrial geography* (2), são aqueles de conteúdo teórico mais amplo e elaboram a base das demonstrações da relação entre geografia e visão, ou da imaginação geográfica, que o autor desenvolve no decorrer dos demais capítulos. Cabe ressaltar que ambos os capítulos correspondem às conferências inaugurais proferidas por Denis Cosgrove ao assumir, respectivamente, as cadeiras na *Royal Holloway – Univeristy of London* (1994-1999) e na *University of California, Los Angeles – UCLA* (2000-2008).
- 40 A história institucional da carreira de Denis Cosgrove, portanto, é um aspecto relevante para compreender o significado vertebrador dos capítulos iniciais no conjunto do livro. Ao reconstruir as conexões entre geografia e visão no próprio pensamento, um lugar de destaque é dado por Cosgrove (2008) aos dois momentos de ruptura institucional da sua carreira. Ademais, cabe ressaltar que o conteúdo dos textos também é moldado para um fim e público específicos – nesse caso, as conferências inaugurais aglomeram um público diverso e um texto amplo sobre a geografia [e não sobre elementos específicos] geralmente é esperado. Para Driver (2009), ninguém poderia ter previsto que a conferência *Geography and Vision* (1994) moldaria a geografia cultural na *Royal Holloway*. No segundo capítulo, por outro lado, o interesse na “geografia extra-terrestre” faz jus à cadeira *Alexander von Humboldt* da UCLA. Afinal, o ensaio sugere uma retomada da tradição cosmográfica da geografia a partir de uma perspectiva cultural contemporânea; o século XXI, segundo Cosgrove (2008), reatualiza o imperativo gráfico da cosmografia na tarefa de tornar visível a ordem do mundo.
- 41 O volume 42 do *Historical Geography Research Series* (Della Dora *et all.*, 2010), que foi resultado de um evento em 2008 na UCLA em homenagem a Denis Cosgrove, sintetiza um modo de organizar o pensamento de Cosgrove bastante análogo ao de *Geography and vision*. Ao congrega visões de *Arcadia*, *wilderness*, *cosmopolis* e *modernity*, a referida publicação oferece, sem referência direta, uma chave interpretativa para a *Geography and Vision* (Cosgrove, 2008), e está visceralmente ligada aos aspectos da trajetória do autor por distintas temáticas de pesquisa.
- 42 Uma das marcas indeléveis de continuidade no pensamento de Denis Cosgrove é o crítico de arte e desenhista britânico John Ruskin (1819-1900), foco de dois ensaios do *Geography and Vision: The morphological eye* (7) e *Ruskin’s European visions* (8). Dessa constatação, dois aspectos são centrais no cruzamento da trajetória de Cosgrove com a de John Ruskin, um deles retirado do desenvolvimento do livro e outro que emerge de declarações autobiográficas (Freytag & Jöns, 2005). Em primeiro lugar, a visão compartilhada por John Ruskin e os geógrafos que desenvolveram os currículos da “Nova Geografia” em Oxford, notadamente Andrew John Hebertson (1865-1915) e Halford Mackinder (1861-1947), de que a geografia era uma forma de ver e se envolver com o mundo (Cosgrove, 2008), fundou o programa da educação geográfica que Cosgrove viria a trilhar parte de sua vida – o bacharelado no *Saint Catherine’s College* (1966-1969) e o doutorado na *Oxford Polytechnic* (1972-1975), atualmente *Oxford Brookes University*.

- 43 O próprio Mackinder fazia parte de uma geração de geógrafos que defendia a perspectiva de que a geografia precisava de imagens para construir seus argumentos (Mayhew, 2007a) e de que esta ciência seria uma forma visual de pensar (Mackinder, 1942). Dessa maneira, conforme destaca o próprio Cosgrove (2008), o currículo desenvolvido pela “Nova Geografia” em Oxford foi aquele que ainda ressoou nos anos de 1960, período de formação de Cosgrove em tal instituição. Mapeamento e paisagem eram a referência metodológica para dar cabo não somente à geografia, mas à visão educacional do período vitoriano.
- 44 As conexões metodológicas entre a geografia de Mackinder e as aulas de Ruskin, sendo que este fizera diversas passagens e palestras em Oxford no final do século XIX, eram o mapeamento, as observações e o levantamento de campo. Portanto, por meio da morfologia e de suas conexões com a história e cultura, operacionaliza-se o currículo de Oxford do qual Denis Cosgrove viria a cursar. Não se deseja sugerir que toda a compreensão de Cosgrove acerca da geografia e da visualidade seja concernente à sua formação em Oxford, até porque o segundo momento de encontro de sua trajetória com a de John Ruskin acontece no mestrado em Toronto, lugar com atmosfera intelectual completamente distinta da de Londres e no qual o autor aproveita para aprofundar seu interesse na história da arquitetura.
- 45 São, inclusive, os trabalhos de Ruskin que fazem Cosgrove (Freitag & Jöns, 2005) compreender aspectos da paisagem inglesa conforme a paisagem italiana, que culminou no doutorado sobre a paisagem *palladiana*². Nem mesmo a relação entre Oxford e Ruskin é direta. Afinal, quando Cosgrove retornou de Toronto e desistiu da bolsa em Oxford para desenvolver um estágio de pesquisa no Departamento de Arquitetura da *Polytechnic of Central London* (atualmente *Westminster University, London*) sobre modelagem computacional para localização de centros de lazer, ele teve acesso a uma biblioteca de arquitetura – onde aprofundou os estudos em textos sobre história da arquitetura, o que supõe mais doses da literatura de John Ruskin.
- 46 Referências a Halford Mackinder também aparecem no ensaio *Seeing the Pacific* (capítulo 11), mas, na ocasião, Cosgrove (2008) tem o objetivo de examinar os desafios à imaginação geográfica americana na representação do Pacífico como um espaço geopolítico dotado de unidade no âmbito das potências imperiais até meados do século XX. Para isso, o autor faz uma historiografia das representações do Pacífico na literatura geográfica, o que inclui Mackinder, particularmente nos mapas da escola secundária e jornalísticos.
- 47 No momento sensível de disputa pelo Pacífico no início do século XX, por meio da análise dos materiais e com foco no artista-cartógrafo Charles Owens (1880-1958), do Los Angeles Times, a projeção de Mercator é substituída por uma visão que privilegia a unidade do Pacífico como região mundial e objeto de disputa. Este capítulo fora apresentado anteriormente como artigo e resulta, além de parceria com a geógrafa Veronica della Dora (*Royal Holloway, University of London*), do encontro de Denis Cosgrove com as ilustrações de Charles Owens no arquivo da UCLA. Dois momentos de sua vida, que se caracterizam por dois lugares [Oxford e Los Angeles], cruzam-se em um texto sobre a Segunda Guerra Mundial, o imperialismo e a educação popular por imagens em jornais e atlas escolares.
- 48 No capítulo 12 de *Seeing the Equator*, o último ensaio do livro, Cosgrove apresenta claramente a função de sintetizar o propósito da obra, pois o Equador é concebido de modo literal, representado por determinadas paisagens e locais reais da superfície terrestre. No entanto, por outro lado, o Equador também é projetado, imaginado e

associado a gostos estéticos, sendo espaço de medo, curiosidade ou descoberta; estas imagens e imaginações acarretam consequências para os lugares e paisagens reais do Equador, quaisquer que sejam. O objeto do conhecimento geográfico pode, portanto, ser observado fisicamente no campo e representado graficamente no gabinete (Cosgrove, 2008).

- 49 Outros três ensaios do *Geography and Vision* (Cosgrove, 2008) distinguem o pensamento clássico de Cosgrove (Atkinson, 2010) na geografia do século XX: o *Gardening the Renaissance world* (3), que fora apresentado em Washington, no *Dumbarton Oaks Annual Symposium in Garden History* (1996); *Mapping Arcadia* (4) foi uma conferência apresentada no *National Gallery of Canada, Ottawa* (2001); *Wilderness, habitable earth and the nation* (6) apareceu como um capítulo do livro *Wild Ideas*, organizado por David Rothenberg e publicado em 1995. Para Atkinson (2010), poucos são os resquícios da imaginação clássica na geografia do século XX, com exceção de alguns como o geógrafo Clarence Glacken (1909-1989) e a geógrafa Ellen Semple (1863-1932), e Cosgrove representa uma figura com modo clássico de pensar.
- 50 Com formação em uma escola jesuíta [a *Saint Francis Xavier's College*] de Liverpool, Cosgrove aprendeu latim e grego e, apesar de não ter sido educado nos ditames dos clássicos (Atkinson, 2010), entrou em contato com trabalhos clássicos no mestrado em Toronto e, de forma aprofundada, na sua tese de doutoramento – que envolvia o conhecimento sobre arquitetos e cosmógrafos renascentistas. Segundo Atkinson (2010), a própria infância de Cosgrove em Liverpool, cidade onde este havia nascido em 1948, o expunha a uma atmosfera impregnada pela tradição clássica nos monumentos e espaços públicos. Liverpool era uma das grandes cidades e principais portos do Império Britânico e, desse modo, um ponto de ebulição da cultura clássica.

Considerações finais

- 51 As origens teóricas e metodológicas do que atualmente vem sendo chamado de geografia do livro consistem: de um lado, na ênfase às condições do lugar, do espaço e da materialidade informados pela geografia da ciência que se delinea a partir da década de 1990; e, de outro, pela história do livro e a importância dada às mentalidades, ao texto material, à cultura impressa e às condições materiais da recepção. Com isso, a geografia do livro que nos é contemporânea carrega consigo parte das fragilidades de ambos os corpos de pesquisa. O foco de pesquisa na recepção textual ou no circuito material e impresso da produção, circulação e consumo de livros caracteriza parte significativa dos estudos de geografia do livro.
- 52 Dada a orientação de tais investigações na geografia do livro, a abordagem biográfica pode contribuir com a história disciplinar na produção de um relato que valoriza a maneira como a trajetória pessoal do indivíduo está imbricada em suas realizações profissionais. A geografia do livro não pode ficar confinada, portanto, ao período de maior relevo da cultura impressa e à recepção textual. Esta análise de *Geography and Vision* sugere que a biografia não é uma cronologia linear de determinações, em que uma causa gera imediatamente uma consequência, ou que uma escolha gera uma mudança imediata na trajetória de vida de um autor.
- 53 Nosso propósito foi apenas o de destacar que o modo de contar a história [e quem conta] pode reorganizar a trajetória do geógrafo, de modo a privilegiar uma determinada

representação. A história do livro ora analisado, em linhas gerais, apresenta um geógrafo preocupado com a história dos diversos modelos cosmológicos por meio dos quais os povos e culturas ocidentais interpretaram a variedade da superfície terrestre. Parece-nos fundamental destacar alguns pontos essenciais da análise da organização do *Geography and Vision* como uma narrativa biográfica. Em primeiro lugar, tem-se a importância dada pelo autor às palestras proferidas em momentos de mudança institucional de sua carreira. Tais palestras, além de serem os únicos ensaios essencialmente teóricos, referem-se diretamente ao fio condutor dos propósitos centrais do livro: o esclarecimento da tradição e as possibilidades contemporâneas de pesquisa sobre a relação entre visão e geografia.

- 54 Ligados à formação acadêmica do autor, os aspectos institucionais, epistemológicos e metodológicos da formatação do currículo do curso de geografia em Oxford parecem orientar uma parte substantiva do eixo organizador do livro. Em outras palavras, o imperativo gráfico da geografia como princípio epistemológico, aliado à centralidade do mapeamento e da paisagem na visão geográfica e pedagógica vitorianas, constitui um elemento curricular fundamental do início da trajetória intelectual de Denis Cosgrove na Inglaterra. Halford Mackinder e John Ruskin são as figuras desse ponto da trajetória que “acompanham” Cosgrove até o fim de sua trajetória.
- 55 A variedade do *Geography and Vision* oferece um panorama de temáticas que o autor investigou durante sua vida e a riqueza empírica dos trabalhos selecionados, mais do que seguir uma apresentação cronológica dos lugares que compõem a trajetória intelectual do autor, demonstram a diversidade de lugares vistos, imaginados e representados que serviram de base para suas pesquisas. Os espaços da vida de Cosgrove – não apenas os materialmente vividos, mas aqueles imaginados e representados – foram também primordiais no seu pensamento. Finalmente, o livro, com uma coleção de textos de diferentes momentos e lugares, a depender de suas condições de elaboração na vida de um autor, pode caracterizar uma forma de contar a história da geografia. O livro constitui, assim, parte da história e um modo de contá-la.

BIBLIOGRAFIA

- ATKINSON, David. (2010). Classical Traditions and Cultural Geographies. In: DELLA DORA, Veronica; DIGBY, Susan; BASDAS, Begum (eds.). *Visual and Historical Geographies: Essays in Honour of Denis E. Cosgrove*. London, UK: Royal Geographical Society, pp. 9-20.
- BERDOULAY, Vincent. (1981). *La formation de l'école française de géographie (1870-1914)*. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, Bibliothèque Nationale.
- COSGROVE, Denis. (2008). *Geography and Vision: Seeing, Imagining and Representing the World*. London: I.B. Tauris.
- DARNTON, Robert. (1982). What is the history of books? *Daedalus*, v. 111, n. 3, 1982, pp. 65-83.
- DARNTON, Robert. (2007). "What is the history of books?" revisited. *Modern Intellectual History*, v. 4, n. 3, pp. 495-508.

- DELLA DORA, Veronica; DIGBY, Susan; BASDAS, Begum (eds.). (2010). *Visual and Historical Geographies: Essays in Honour of Denis E. Cosgrove*. London, UK: Royal Geographical Society.
- DRIVER, Felix. (2008). Geography and Vision: Denis Cosgrove, 1948–2008. *Environment and Planning A*, v. 40, n.8, pp. 1779-1782.
- DRIVER, Felix. (2009). Editorial- Denis Cosgrove: Historical geography unbound. *Journal of Historical Geography*, v. 35, pp. 1-2.
- FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. (1976). *The coming of the book: the impact of printing 1450–1800*. London: NLB.
- FREYTAG, Tim; JÖNS, Heike. (2005). Vision and the cultural in geography: a biographical interview with Denis Cosgrove. *Die Erde*, n. 136, pp. 205-216.
- HOWSAM, Leslie. (2008). What is the historiography of books? Recent studies in authorship, publishing, and reading in modern Britain and North America. *The Historical Journal*, v. 51, pp. 1089-1101.
- KEIGHREN, Innes. (2010). *Bringing geography to book: Ellen Semple and the reception of geographical knowledge*. London: I.B. Tauris.
- KEIGHREN, Innes. (2013). Geographies of the book: review and prospect. *Geography Compass*, v. 7, n. 11, pp. 745-758.
- LIVINGSTONE, David. (1992). *The Geographical Tradition: Episodes in the History of a Contested Enterprise*. London: Blackwell.
- LIVINGSTONE, David. (1995). The spaces of knowledge: contributions towards a historical geography of science. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 13, pp. 5-34.
- LIVINGSTONE, David. (2003). *Putting Science in its place: Geographies of Scientific Knowledge*. Chicago: The University Chicago Press.
- LIVINGSTONE, David. (2005). Science, text and space: thoughts on the geography of reading. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 30, n. 4, pp. 191-401.
- MACKINDER, Halford. (1942). Geography, an art and a philosophy. *Geographical Association*, v. 27, n.4, pp.122-130.
- MAYHEW, Robert. (2007a). Materialist hermeneutics, textuality and the history of geography: print spaces in British geography, c.1500–1900. *Journal of Historical Geography*, v. 33, n. 3, pp. 466-488.
- MAYHEW, Robert. (2007b). Denaturalising print, historicising text: historical geography and the history of the book. In: GAGEN, Elizabeth; LORIMER, Hayden; VASUDEVAN, Alex (eds.). *Practising the archive: reflections on method and practice in historical geography*. London: Royal Geographical Society, pp. 23–36.
- OGBORN, Miles; WITHERS, Charles W. J. (eds.). (2010). *Geographies of the book*. Farnham: Ashgate.
- POWELL, Richard. (2007). Geographies of science: histories, localities, practices, futures. *Progress in Human Geography*, v. 31, n. 3, pp. 309–329.
- RUBIN, Joan Shelley. (2003). What Is the History of the History of Books? *The Journal of American History*, v. 90, n. 2, pp. 555-575.
- RUPKE, Nicholas. (2005). Alexander von Humboldt and revolution: a geography of the Varnhagen von Ense Correspondance. In: LIVINGSTONE, David; WITHERS, Charles W. J. (eds.). *Geography and revolution*. Chicago: University of Chicago Press, pp. 336–50.

- RYAN, James. (2003). History and philosophy of geography: bringing geography to book, 2000-2001. *Progress in Human Geography*, v. 27, n. 2, pp. 195-202.
- SECORD, James. (2000). *Victorian sensation: the extraordinary publication, reception, and secret authorship of Vestiges of the natural history of creation*. Chicago: University of Chicago Press.
- SECORD, James. (2004). Knowledge in transit. *Isis*, v. 95, n. 4, pp. 654-672.
- STASZAK, Jean-François. (2009). Denis E. Cosgrove (1948-2008). *Progress in Human Geography*, v. 33 n. 4, pp. 557-559.
- STODDART, David. (1986). *On Geography and its History*. Oxford: Blackwell.
- THRIFT, Nigel. (2008). *Non-representational theory: space, politics, affect*. London: Sage.

NOTAS

1. Uma abordagem contextual, com escopo teórico-metodológico bem fundamentado na história da ciência, foi desenvolvida pelo geógrafo Vincent Berdoulay (1981) em uma análise da formação da escola francesa de geografia. De modo algum, portanto, pretende-se posicionar a geografia da ciência como a primeira denominação de uma abordagem situada da história da geografia.
2. Referência a Andrea Palladio (1508-1580), um dos principais arquitetos renascentistas da Itália. Suas obras estão principalmente na região Vêneto, no nordeste da Itália, sobretudo na província de Vicenza e sua capital Veneza.

RESUMOS

A geografia do livro é uma frente temática relativamente recente na historiografia do pensamento geográfico. Desde o final dos anos de 1990, com o desenvolvimento da *geografia da ciência*, a dimensão geográfica do livro passou a despertar o interesse de pesquisadores da história da geografia. Dentre as possibilidades de ampliação do escopo da geografia do livro, a perspectiva adotada por este artigo será a investigação da maneira como um livro pode configurar uma forma de contar a trajetória intelectual de seu autor. Tendo como referência a obra *Geography and Vision* (Cosgrove, 2008), elementos textuais e paratextuais foram selecionados e analisados para compreendermos essa relação entre a biografia, os espaços de conhecimento do autor e as formas de ordenar a trajetória de vida na organização do livro. Entre os principais resultados da análise, destacam-se as referências diretas às instituições da formação acadêmica do autor e às suas mudanças institucionais na carreira universitária.

The *geography of the book* is a relatively recent theme in the historiography of geographic thought. Since the end of the 1990s, with the development of the *geography of science*, the geographical dimension of the book has been able to spark interest among researchers in the history of geography. With the possibilities of expanding the scope of the geography of the book, the perspective adopted in this article will be the investigation of how a book can configure a way of telling the intellectual trajectory of its author. Based on the work *Geography and Vision* (Cosgrove, 2008), textual and paratextual elements were selected and analyzed to understand

this relationship between the biography, the author's knowledge spaces and the ways of ordering the life trajectory in the book's organization. The references to the author's academic background and his institutional movements throughout his university career stand out among the main results of the analysis.

La *geografía del libro* es un enfoque relativamente reciente en la historia del pensamiento geográfico. Desde finales de 1990, con el desarrollo de la *geografía de la ciencia*, la dimensión geográfica del libro ha atraído la atención de investigadores de la historia de la geografía. Entre las posibilidades de este enfoque, la perspectiva adoptada en este artículo es investigar la forma en que un libro puede definir la manera para contar la trayectoria intelectual de su autor. En referencia concreta a la obra de Cosgrove (2008), *Geography and Vision*, se seleccionaron y analizaron citas textuales y paratextuales para comprender la relación entre su biografía, los espacios conocidos por el autor y la forma de ordenar su historia de vida en la organización del libro. Entre los principales resultados del análisis se hace referencia directa a las instituciones académicas en las que el autor realizó su actividad y los cambios institucionales experimentados a lo largo de su carrera universitaria.

La *géographie du livre* est un front thématique relativement récent dans l'histoire de la pensée géographique. Dès la fin des années 1990, avec le développement d'une *géographie de la science*, la dimension géographique du livre a attiré l'attention des chercheurs dans l'histoire de la géographie. Parmi les possibilités d'extension du champ d'application de la géographie du livre, la perspective adoptée dans cet article est d'étudier la façon dont un livre peut renvoyer à la trajectoire intellectuelle de son auteur. À partir de l'oeuvre *Geography and Vision* (Cosgrove, 2008), le textuel et le paratextuel ont été sélectionnés et analysés pour comprendre la relation entre la biographie, les environnements de connaissance de l'auteur et les moyens de construire l'histoire de la vie dans l'organisation du livre. Parmi les principaux résultats de l'analyse, il y a les références directes faites par l'auteur aux institutions académiques et aux changements institutionnels dans sa carrière universitaire.

ÍNDICE

Índice geográfico: Reino Unido

Palavras-chave: geografia do livro, trajetória biográfica, Denis Cosgrove, geografia cultural, história do pensamento geográfico

Palabras claves: geografía del libro, historias de vida, Denis Cosgrove, geografía cultural, historia del pensamiento geográfico

Índice cronológico: 1990-2017

Keywords: geography of book, life narratives, Denis Cosgrove, cultural geography, history of geography.

Mots-clés: géographie du livre, histoires de vie, Denis Cosgrove, géographie culturelle, 'histoire de la pensée géographique.

AUTOR

RAFAEL AUGUSTO ANDRADE GOMES

Doutorando em Geografia no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro